

Entrevista a Matthew Parish

●● Antigo elemento da força de manutenção da paz da ONU nos Balcãs e, antes disso, jurista do Banco Mundial, Matthew Parish foi o principal assessor político de Vuk Jeremić, o candidato sérvio a Secretário-Geral que alcançou o segundo lugar na votação, atrás do antigo primeiro-ministro português, António Guterres. Nesta entrevista, Matthew Parish exprime os seus pontos de vista sobre a eleição de 2016 para o cargo de Secretário-Geral da ONU e sobre o rumo que, no seu entender, as Nações Unidas irão tomar sob a direção de António Guterres.

Todos diziam que o próximo Secretário-Geral iria ser uma mulher da Europa de Leste. Em vez disso, acabou por ser um antigo Primeiro-Ministro Português. O que aconteceu?

Há muito que eu estava confiante de que António Guterres iria ganhar. A ideia de que o próximo Secretário-Geral tinha de ser oriundo da Europa de Leste foi sempre uma espécie de cortina de fumo. Na verdade, ninguém insistiu para que tal acontecesse; nem mesmo a Rússia. De outro modo, teriam vetado António Guterres. E eles nunca votaram contra ele: nem uma única vez, em todas as seis sessões de votação do Conselho de Segurança. Mas a mensagem da Europa de Leste tinha um objetivo. A Rússia está a procurar reforçar o seu papel operacional nas Nações Unidas. Penso que vamos ver a Rússia, e os Estados que lhe são próximos, a quererem mais lugares de topo do que aqueles que ambicionaram no passado.

Em última análise, todos os candidatos mais sérios da Europa de Leste



eram vistos como demasiado próximos da Rússia. Foi por essa razão que os votos que lhes foram atribuídos pelo Conselho de Segurança foram tão dispersos. Até mesmo o meu candidato, que ficou em segundo lugar, recebeu apenas nove votos a favor no seu ponto máximo, por comparação com os doze de António Guterres. Os candidatos da Europa de Leste suscitaram divisões, ao contrário do que sucedeu com António Guterres. Foi consensual o facto de ele ser uma pessoa verdadeiramente imparcial e um mediador honesto. Foi por isso que ele ganhou.

É uma pena que António Guterres não seja uma mulher! Não há mulheres suficientes nos níveis mais elevados de direção das Nações Unidas. Mas sei que António Guterres quer alterar isso, à semelhança do meu próprio candidato, que fez campanha para a adoção de medidas que assegurem às mulheres altamente qualificadas da ONU o reconhecimento que merecem e a oportunidade de usar as suas competências para bem de toda a organização e do mundo em geral. De facto, António Guterres está empenhado em assegurar a representação

equitativa das mulheres nos altos cargos de direção da ONU. E é bem possível que, a seguir a António Guterres, o próximo Secretário-Geral venha a ser uma mulher. Em termos estatísticos, com tantas mulheres talentosas a trabalhar em tantos projetos da ONU, é inevitável que venhamos a ter uma Secretária-Geral em breve.

O que acha que António Guterres irá fazer durante o seu mandato ao leme das Nações Unidas?

Acho que temos de distinguir os dois papéis muito diferentes que o Secretário-Geral desempenha. O primeiro é o de chefe da diplomacia mundial. A sua principal responsabilidade consiste em servir como enviado e intermediário em situações de guerra ou conflito. Nos casos em que não existe outra forma de comunicação entre grupos e nações hostis, e em que o diálogo pode impedir uma guerra ou fazê-la terminar mais rapidamente, o Secretário-Geral pode desempenhar um papel sem paralelo.

Ao mesmo tempo, ele tem de ser capaz de gerir, administrar e dirigir a própria Organização das Nações Unidas, com

os seus muitos e variados órgãos, bem como as prioridades concorrentes das várias agências da ONU e dos diversos países cujas populações elas servem. Este papel, por si só, requer bastante tato e diplomacia, bem como uma visão estratégica e a capacidade para aproveitar e implementar as melhores recomendações.

É um cargo extremamente difícil. Todas as grandes potências consideram que o Secretário-Geral lhes deve um grande favor por o terem ajudado a ser eleito, e todas as pessoas acham que ele lhes deve dar mais ouvidos do que aos outros. Isto é particularmente verdade no mundo multipolar em que atualmente vivemos, o qual sofreu alterações drásticas desde a eleição do último Secretário-Geral, há dez anos. O Secretário-Geral sofre pressões de todos os lados. O seu temperamento tem de ser calmo e determinado.

Sei que António Guterres possui essas qualidades em abundância. Conheci-o durante a sua campanha para Secretário-Geral e senti imediatamente um profundo respeito por ele, enquanto homem e pela sua visão. O seu mandato ao leme do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, que dirigiu durante dez anos, valeu-lhe uma admiração generalizada. Ele foi o diplomata por excelência durante alguns dos piores conflitos civis do mundo, que resultaram em crises de refugiados trágicas, incluindo muitos dos conflitos civis que continuam a assolar o mundo de hoje, tais como os da Síria, da Somália, do Líbano e do Iraque. Ele inspira confiança e conquistou invariavelmente a confiança de pessoas que não eram capazes de confiar umas nas outras. Ele provou

ser capaz de trabalhar com pessoas de países muito diferentes, cujos valores e interesses eram muitas vezes conflitantes. Não existem muitos diplomatas dos quais se possa dizer o mesmo.

António Guterres tem outra qualidade que, no meu entender, o torna indicado para este novo e intimidante cargo. Ele é conhecido por ser um gestor sábio e pragmático. É sabido que, quer durante o seu mandato como primeiro-ministro português, quer durante o período em que exerceu o cargo de Alto-Comissário para os Refugiados, ele se fez rodear por pessoas do mais elevado calibre. Estou certo de que irá continuar a fazer o mesmo. António Guterres sabe, dada a sua longa e vasta experiência, que para o exercício de cargos públicos importantes é necessário fazermos-nos rodear de gestores em quem possamos confiar, com os quais possamos confidenciar, e que nos garantam que exercerão as suas funções com lealdade. Ele não pode fazer microgestão. Este é porventura um dos pontos mais importantes de que qualquer Secretário-Geral deve ter consciência.

Quais são, no seu entender, os maiores desafios que António Guterres irá enfrentar no primeiro ano do seu mandato?

O maior desafio diplomático que o mundo enfrenta neste momento é o de saber como fazer avanços positivos para alcançar uma paz justa e equitativa na Síria. É desesperante assistir ao sofrimento dos refugiados sírios e constatar a dimensão dos custos humanos. A complexidade do conflito, o perigo que o mesmo representa para os outros países da região, o refúgio seguro

que é propiciado aos extremistas internacionais e o aumento das tensões entre as maiores potências do mundo conjugaram-se para criar um pântano sem precedentes. Acredito que só as Nações Unidas, atuando na sua qualidade de mediador honesto, podem promover a negociação de um cessar-fogo, que constituiria um primeiro passo essencial para resolver a crise.

Ainda que a Síria possa ser considerada uma das piores crises internacionais dos tempos modernos, há muitas outras que não podem ser ignoradas. Na Somália, a diplomacia internacional e os esforços de paz da ONU estão finalmente a ajudar a estabilizar o país após três décadas de guerra civil e extremismo religioso. Infelizmente, noutros locais os progressos são mais lentos, mas a ONU atua nos ambientes mais difíceis, onde outros poderiam perder a esperança. A ONU mantém o seu empenho, trabalha no sentido de alcançar soluções de longo prazo e fomenta a cooperação global no alívio dos sintomas, mesmo quando a cura parece difícil de alcançar.

Com dez anos de experiência como Alto-Comissário da ONU para os Refugiados, António Guterres conhece bem o sofrimento dos que são forçados a abandonar os seus lares devido a conflitos. Enquanto Secretário-Geral da ONU, estará na linha da frente das negociações para melhorar o financiamento para os refúgios temporários, de que dependem tantas famílias comuns cujas vidas foram destruídas por conflitos. Apenas a cooperação internacional pode salvar estas vítimas inocentes de caírem nas mãos de traficantes de seres humanos e de outros que as procurem explorar.